

Eu S.A.

Obra discute a emergência do conceito de capital humano e analisa o processo que transformou trabalhadores em empreendedores de si mesmos, hoje emblematicamente representados pelos executivos das grandes empresas transnacionais.

por **Isleide Arruda Fontenelle** FGV-EAESP



Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo
Osvaldo López-Ruiz
Azougue editorial, 2007, 320p.

No meu primeiro contato com o trabalho de Osvaldo López-Ruiz, tive a mesma sensação descrita pelo sociólogo Laymert Garcia dos Santos, na apresentação que este faz para o seu livro: a de que o trabalho que tinha em mãos abriu-me os olhos, pois, graças a ele, pude compreender melhor uma nova retórica que começava a se descortinar no universo das escolas de negócios: a da formação do profissional para sua “autogestão de carreira”.

Ao tentar entender “quais são os valores que hoje orientam a conduta das pessoas, possibilitando ao sistema econômico capitalista continuar seu desenvolvimento” (p.25-26), tomando como objeto de pesquisa os executivos das corporações transnacionais, o autor encontrou um novo *ethos*, que, embora esteja assentado na figura e no universo desses executivos, se torna exemplar de um novo modo de vida que nos atinge a todos: a de que o humano tornou-se capital e, sendo assim, cada trabalhador deve tornar-se uma empresa.

Pode-se afirmar que a idéia que atravessa todo o livro é essa: a de que já estaríamos presenciando um novo espírito do capitalismo, no qual a figura

do trabalhador sofre uma mutação, transformando-se em capital. Para dar conta de tal transformação, o autor entrevistou analistas, gerentes, diretores e presidentes de grandes corporações transnacionais, dos mais diferentes setores, além de ter participado de diversos eventos e analisado uma série de publicações orientadas para essa área.

A esse universo empírico, López-Ruiz atrelou dois conceitos que, tendo sido incorporados como valores sociais, jogam luz na interpretação desse novo momento do capitalismo: o conceito de “capital humano”, desenvolvido pela Escola Econômica de Chicago, cujo significado é a transformação dos indivíduos em proprietários de bens intangíveis – suas habilidades, capacidades e destrezas – e, portanto, em responsáveis pelo sucesso ou fracasso dos seus investimentos; e o *revival* do conceito de “empreendedorismo”. Entretanto, este último termo indica, agora, uma concepção muito diferente daquela do liberalismo clássico, no qual o empreendedor era o representante do capital. Nesse novo *ethos*, o empreendedor tornou-se representante de si próprio.

Para analisar a produção desse novo espírito, o livro é organizado em torno de cinco teses. A primeira é a de que o conceito de “capital humano” deve ser compreendido tanto no sentido econômico dado pela Escola de Chicago, quanto no reconhecimento de uma nova ética que passa a orientar a vida das pessoas. A segunda tese é a de que o conceito de capital humano ressignifica um conjunto de gastos que as pessoas fazem em si próprias, ao tratá-los como investimento e não como consumo.

Já a terceira tese postula que o empreendedorismo tornou-se, nos dias que correm, um “fenômeno de massas”, formatando uma “ética empresarial do trabalho”. A quarta, que o novo *ethos* do empreendedor requer a necessária introdução de um modo de vida no qual cada um deve se guiar pela meta principal do “gerenciamento de sua carreira-vida-empresa”. Por fim, a última tese defende que a ciência é hoje a que se encarrega de nos dizer em que é válido acreditar.

O autor por fim nos mostra como, embora a teoria do capital humano tenha sido formulada, em seus primórdios, para elucidar problemas de ordem econômica, suas pretensões explicativas se ampliaram para outros âmbitos sociais e serviram de base para muitas das “doutrinas da administração” difundidas, crescentemente, nas décadas de 1990-2000. E mais: nos mostra como essa mesma teoria do capital humano foi incorporada no discurso e na prática das corporações atualmente.

Impossível não pararmos para refletir sobre nosso próprio lugar no mundo, como profissionais, ao lermos essas páginas. A belíssima cena que abre a introdução do livro – o sonho que acalenta o estudante universitário diante de um

anúncio de emprego em uma consultoria de alta gestão empresarial, confrontado com a realidade do seu cotidiano profissional, marcado pelo desafio permanente de garantia de trabalho, de cuidado com a carreira e de auto-responsabilização pelos investimentos que fizer em “seu capital” – é emblemática de uma nova condição de trabalho, que o autor não apenas descortina de forma objetiva e competente, como também ajuda a compreender sua dinâmica subjetiva, que seduz e, ao mesmo tempo, apavora todos aqueles que precisam pagar o preço de serem proprietários de si mesmos.

Isleide Arruda Fontenelle

Professora do Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da FGV-EAESP

E-mail: ideofontenelle@uol.com.br

“O autor encontrou um novo ethos, que, embora esteja assentado na figura e no universo dos executivos, se torna exemplar de um novo modo de vida que nos atinge a todos: o de que o humano tornou-se capital e, sendo assim, cada trabalhador deve tornar-se uma empresa.”